

FESTAS DE PRETOS NO CAMINHO VELHO DA ESTRADA REAL: FÉ, OBRIGAÇÃO, TURISMO E LAZER NA LUTA CONTRA O RACISMO RELIGIOSO

Recebido em: 18/07/2023

Aprovado em: 05/10/2023

Licença: 

*Vania de Fatima Noronha Alves*¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3075-4906>

RESUMO: Este artigo é fruto de uma pesquisa² sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário no Caminho Velho da Estrada Real e teve como objetivo registrar e apresentar análises de aspectos históricos, sociológicos, culturais, religiosos e turísticos presentes nos grupos de congado neste percurso, avaliando a importância das festas como fenômeno de devoção, obrigação e, ao mesmo tempo, de resistência, de lazer e turismo nas localidades investigadas. A pesquisa qualitativa se apoiou no método da história oral, sendo as entrevistas a principal estratégia adotada. Foram visitadas 15 cidades, 22 grupos, com 34 entrevistados. Espera-se que os estudos sobre o Congado possam contribuir com o debate sobre a luta antirracista em nosso país, em especial, contra o racismo religioso impetrado contra as manifestações de matrizes africanas. Para isso, o conhecimento sobre as manifestações é imprescindível.

PALAVRAS-CHAVE: Congado. Racismo religioso. Estrada real.

BLACK PARTIES ON THE OLD PATH OF THE ROYAL ROAD: FAITH, OBLIGATION, TOURISM AND LEISURE IN THE FIGHT AGAINST RELIGIOUS RACISM

ABSTRACT: This article is the result of a research about the Reign of Nossa Senhora do Rosário along the Old Path of the Royal Road and aimed to record and present analyzes of historical, sociological, cultural, religious and tourist aspects present in the congado groups on this route, and evaluate the importance of festivals as a phenomenon of devotion, obligation and, at the same time, resistance, leisure and tourism in the investigated locations. The qualitative research was based on the oral history method, with interviews being the main strategy adopted. 15 cities were visited, 22 groups, with 34 respondents. It is hoped that studies on the Congado can contribute to the debate on the anti-racist struggle in our country, in particular, against religious racism filed

¹ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente no Programa de Pós-graduação em Educação na PUC Minas, área de concentração "Docência: Formação, Trabalho e Práticas Educativas". Docente do Departamento de Educação, graduação em Pedagogia e do Departamento de Educação Física nas graduações em Licenciatura e Bacharelado.

² Projeto de pesquisa financiado pela Fapemig. Edital Universal 01/2015, número APQ 02988-15. (NORONHA, 2022).

against manifestation of African matrices. For this, knowledge about these manifestations is essential.

KEYWORDS: Congado. Religious racism. Royal road.

Introdução

Uma sociedade que pretende se tornar livre de todas as formas de manifestação do racismo (e aqui trato mais especificamente do religioso) precisa, indubitavelmente, considerar as diferentes manifestações em nosso país das religiosidades de matrizes africanas que foram consolidadas com o sangue e o suor daqueles que sobreviveram a travessia e a diáspora.

Nogueira (2020) afirma que ninguém é naturalmente preconceituoso, uma vez que toda forma de preconceito emerge de uma postura social, histórica e cultural que objetiva segregar para dominar e, ao mesmo tempo, determinar e manter um padrão com seus marcadores de prestígio e poder. Para esse autor o debate sobre o racismo religioso não pode se furtar da discussão sobre a epistemologia negra como possibilidade de combater o colonialismo, o conservadorismo, o eurocentrismo e, nessa esteira, o racismo religioso. Esse último é assim definido pelo autor:

O racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre as práticas, sobre as crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência (NOGUEIRA, 2020, p. 89).

Ainda que a manifestação do Reinado, congado ou reisado seja típica dos negros, popular e importante em nosso país (NORONHA, 2014; 2017) e, tenha raízes no catolicismo eurocêntrico, ela não escapa do racismo religioso. Reinado ou congado é o termo que define um ciclo anual de festas em devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos Santos Pretos, dentre eles Santa Efigênia e São Benedito. Percebe-se como influência da religiosidade católica as novenas, o levantamento de mastros, as

procissões, os cortejos solenes, as missas, dentre tantos outros símbolos. Conhecer a manifestação, sua origem e funcionamento, seus aspectos míticos e simbólicos, pode contribuir para que a sociedade enfrente a luta antirracista e passe a respeitar não só essa religiosidade, mas todas as outras de matrizes africanas. Apresentar conhecimentos sobre o congado é o objetivo do artigo.

O estudo é fruto de uma pesquisa que ao longo de 10 anos investigou o congado no percurso da Estrada Real, essa histórica via de acesso às cidades de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. As quatro etapas da pesquisa contemplaram, respectivamente, o Caminho Velho (ou Caminho do Ouro), de Ouro Preto a Parati, passando por terras paulistas; o Caminho Novo, considerado o percurso mais seguro para transportar as cargas até o Rio de Janeiro; a Rota dos Diamantes, que ligava Ouro Preto à Diamantina e o Caminho de Sabarabuçu, de Ouro Preto a Serra da Piedade (ESTRADA REAL, 2022).

Nesse artigo, serão apresentadas as evidências encontradas nas cidades do percurso do Caminho Velho. Antes, porém, será apresentada a metodologia adotada para o estudo. No desenvolvimento do artigo, o destaque fica para a história dos grupos; uma análise das narrativas míticas que constituem o *modus vivendis* dos congadeiros de MG e SP; o significado do congado e seus símbolos; as festas presentes no percurso e seu calendário; a relação dos grupos com as prefeituras, igrejas e escolas, e ainda, uma discussão sobre sua importância para o turismo na Estrada Real. Por fim, as considerações finais.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que adotou a história oral, vista como disciplina, técnica, metodologia ou como um *locus* disciplinar (MAIA, 1999) e utilizada

como fonte sobre acontecimentos históricos. Com a história oral, o trabalho priorizou as entrevistas como “parteiros de lembranças” (MONTENEGRO, 2007), facilitando a recuperação de marcas da memória e a gestão de novas experiências pelos envolvidos.

O “Caminho Velho” (de Ouro Preto/MG a Parati/RJ, passando por São Paulo) contemplou as cidades descritas nas Tabelas 1 e 2, e foram escolhidas devido presença da festa de Reinado. A coleta de dados foi feita entre julho de 2018 e setembro de 2019. Foram mapeadas as cidades onde ocorre o congado, com visitas para identificação dos grupos, agendamentos e realização de entrevistas com suas lideranças, registro audiovisual e transcrição das entrevistas, com observação participante e registros iconográficos das festas, dos espaços e dos sujeitos para a análise dos dados.

Tabela 1: Cidades e guardas em Minas Gerais

CIDADES	GUARDAS
1. BELO VALE	1. Associação Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário
	2. Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Vargem de Santana
2. SÃO JOÃO DEL REI	1. Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário de Santo Antônio de Rio das Mortes Pequeno
	2. Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião
	3. Guarda de Moçambique e Santa Efigênia
	4. Guarda de Congo São Benedito e São Sebastião
	5. Guarda de Moçambique Quinongo (Distrito de Ijaci)
3. TIRADENTES	1. Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário Escrava Anastácia
4. IBITURUNA	1. Guarda de Moçambique de Ibituruna
5. CARRANCAS	1. Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário de Carrancas
6. LAVRAS	1. Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito
7. CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	1. Irmandade São Benedito e Nossa Senhora do Rosário
8. ITABIRA	1. Guarda de Marujo de São Sebastião
	2. Guarda de Marujo de São Benedito

Fonte: A autora (2020).

Tabela 2: Cidades e guardas em Minas Gerais

CIDADES	GUARDAS
1. LORENA	1. Grupo Folclórico e Religioso de São Sebastião
2. GUARATINGUETÁ	1. Associação Cultural de Congada e Moçambique

3. APARECIDA	1. Festa de São Benedito
4. PINDAMONHANGABA	1. Congada de Pindamonhangaba
5. CUNHA	1. Congada de São Benedito de Cunha
6. TAUBATÉ	1. Congada de São Benedito do Alto Cristo
	2. Grupo de Moçambique do Parque São Cristóvão
7. LAGOINHA	1. Congada de São Benedito e Nossa Senhora da Conceição

Fonte: A autora (2020).

A preparação, realização, transcrição e análise das entrevistas (LE VEN; FARIA; MOTTA, 1996) foram observados, respeitando as características regionais da fala dos depoentes. Na citação de trechos dessas entrevistas, são colocadas as iniciais do nome e o ano da entrevista. O nome completo do informante, e sua localidade de origem, é informado no parágrafo anterior a citação direta.

Uma pesquisa dessa natureza traz dificuldades, como o contato com os informantes. Felizmente, o interesse pela divulgação das festas favoreceu a comunicação e facilitou o acesso aos entrevistados. Outro problema foi o deslocamento até o local da entrevista: a moradia do depoente ou a sede do grupo ficava em regiões ou cidades de difícil acesso, o que exigiu do pesquisador um tempo de permanência maior na região. Mas os depoentes foram extremamente solícitos, oferecendo informações sobre os seus grupos e agradecendo a entrevista e a importância de publicá-la. Para eles, quanto mais pessoas compreenderem o congado, maior sua valorização, aceitação e menos preconceitos.

Resultados e Discussões

A Estrada Real foi traçada pelos bandeirantes seguindo as antigas trilhas indígenas, ligando Minas Gerais ao litoral, sendo considerada a primeira estrada oficial do país. Por ela transitaram imigrantes, tropeiros, boiadeiros, escravos, representantes da Coroa portuguesa, inconfidentes e outras figuras históricas. Foi o primeiro caminho por onde escoaram as riquezas das terras mineiras, mas também serviu para que os

homens desenvolvessem ideias revolucionárias, histórias e subjetividades (SEBRAE, 2006).

Nas últimas décadas entidades privadas e o poder público de Minas Gerais se reuniram para divulgar a Estrada Real como um produto turístico. Dentre as ações do Governo do Estado, a Lei 13.173/99 traz um Programa de Incentivo ao potencial turístico da Estrada Real, orientando ações da Secretaria de Estado do Turismo. Em 1999, a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) criou o Instituto Estrada Real (IER): organização não governamental sem fins lucrativos que gerencia o produto turístico da Estrada Real, articulando os interesses do Governo, de empresas e interessados em desenvolver o turismo. Entretanto, a relação entre o IER, a Secretaria de Estado do Turismo e outras instituições, os pesquisadores e moradores do seu entorno não ocorre sem conflitos, pelo papel a ser assumido pelas instituições, pela necessidade de estudos do potencial turístico da Estrada Real e por ela ser abordada como um produto finalizado (GUERRA; OLIVEIRA; SANTOS, 2003).

Existem atrativos na Estrada Real que a configuram como um espaço de experiências e vivências. Rodrigues (2008) caracteriza a potencialidade da Estrada Real para o turismo e destaca o meio físico-ambiental (relevo, clima, vegetação), históricos naturais, culturais (igrejas, museus, mercados, feiras tradicionais, monumentos, centros de cultura e arte) e os produtos imateriais (festas) das regiões.

Mas esses atrativos necessitam de análise aprofundada. Para a transformação da Estrada Real em um produto turístico, pesquisas baseadas em análises histórico-culturais, em que a população seja ouvida, são necessárias. Considerar a população negra frequentemente esquecida pela história oficial do país, e, constituinte desse percurso, certamente, contribuirá para a configuração de uma “real” Estrada Real. Além disso, o congado demarca os caminhos também pelo campo do simbólico, percurso

traçado pelo imaginário negro, que constitui o “mapa da redenção” mineira (TAUSSIG, 1993 *apud* NORONHA, 2017).

Quanto ao lazer entendo-o como uma dimensão da vida humana imprescindível na constituição do ser, pois, envolve a cultura, o imaginário, o onírico, o lúdico, a saúde, a educação, as políticas públicas, a luta, a resistência, a relação com os modos de ocupação das cidades em seu meio urbano e rural. Lazer é condição de sobrevivência, de nosso estar no mundo, de “se permitir” viver com alegria e disposição, de preencher os vazios, de mobilizar nossos desejos, emoções e coragem para enfrentar os problemas cotidianos, com liberdade e desejo de criar e recriar constantemente a própria vida.

O lazer é uma das possibilidades encontrada pela humanidade para enfrentar a angústia do tempo que passa (cada vez mais rápido) e da morte que se aproxima (DURAND, 1988). Por isso, é produção simbólica, condição de nossa humanidade, campo aberto às experiências, ao possível (NORONHA; FONSECA, 2021), à exploração do sem fundo humano que é a força criativa, misteriosa, que faz emergir de nós a capacidade de transformar o húmus insignificante da natureza em mundo humanizado (RUIZ, 2003).

Nesse conceito ampliado, entendo que a festa, vivida como uma das opções do lazer, encerra a possibilidade da compreensão da experiência humana e do imaginário, cabendo aos pesquisadores não só descrevê-la, como usualmente se faz, mas sim, apreendê-la em seu sentido epistêmico, com vistas a conhecer mais sobre nós mesmos e a sociedade. Do mesmo modo, o turismo, como um fenômeno sociocultural também capaz de mobilizar esses elementos do lazer, caracterizado em sua essência, ainda, pelo (re)conhecimento de um lugar extra-ordinário, no qual são estabelecidas as mais variadas relações (sociais, econômicas, históricas, políticas, culturais, afetivas etc.) em determinado tempo e espaço (GOMES, 2007).

Feitas essas considerações, passo a apresentar os resultados das entrevistas realizadas na pesquisa, destacando importantes aspectos para a compreensão sobre essa população e também, para a efetivação da Estrada Real como um produto turístico e de lazer, tendo como referência as festas de preto que nela ocorrem.

A História dos Grupos

As histórias dos grupos são muito diversas. Cada um com um contexto histórico e motivações para sua fundação. Notadamente se percebe a influência de familiares antigos e seus costumes na manutenção dos grupos já existentes e na fundação de outros novos. Em várias cidades os grupos são tradicionais, formados por membros de famílias antigas. Outros são formados por amigos que têm em comum a devoção aos santos negros.

Foram encontrados grupos com aproximadamente 100 anos de existência e outros com 10, ou mesmo 3 anos de formação. Alguns relatam que ficaram um tempo parado e voltaram com toda força. Outros, que já estão cansados, sem participantes e, por isso, estão parando. Mas a maioria declara que, enquanto tiverem forças, estarão conduzindo seus grupos, pois são movidos pela fé, principalmente em Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Na Estrada Real, quase todos os grupos se organizam em irmandades, com diretorias e registros em cartório. Recentemente, alguns foram reconhecidos como Patrimônio Imaterial³, como as guardas de Belo Vale e Ibituruna, em Minas Gerais. Isto é motivo de alegria para os componentes, pois se sentem valorizados e podem pleitear junto ao poder público uma ajuda para a manutenção do grupo. Outros estão finalizando seus projetos culturais para que o mesmo reconhecimento aconteça. Os grupos com sede

³ Mais informações em www.iepha.mg.gov.br.

própria nos conduziram até elas trajando suas vestimentas, levando seus instrumentos e demais artefatos.

A maioria dos grupos teve sua origem com a participação exclusiva dos homens, sendo, muitas vezes, negada a presença da mulher. Muitas delas só se faziam presentes carregando as bandeiras dos santos, na condição de rainha ou colaborando com a logística. A esse respeito, a fala de Sérgio de Lima, congadeiro de Belo Vale (MG), é elucidativa:

S. L. (2018): Antigamente o moçambique nosso era só homem, as mulheres tinham que ficar em casa, porque aqui o nosso estatuto, só falava que mulher não podia ir o congado que mulher dá peso. Isso de dá peso, os antigos não explica (...) é segredo. Mas com o passar do tempo, lá pelas bandas de 1990, que minha vó falava que as mulheres já iam para o congado.

Com o falecimento dos congadeiros mais velhos, elas foram ocupando os espaços. Ainda hoje encontramos grupos que não possuem a participação de mulheres, como a de Rio das Mortes (MG) e Ibituruna (MG). Em cidades como Lavras (MG), Lorena (SP), Taubaté (SP), encontramos mulheres que comandam tudo na manifestação. Muitos depoentes falaram da importância das mulheres que assumem posturas de comando nos grupos, com “funções iguais às dos homens”.

Muitos são os santos de devoção dos grupos. Nas cidades mineiras, Nossa Senhora do Rosário é a principal devoção, enquanto que nas cidades de São Paulo quem reina é São Benedito. Além desses santos, cada grupo elege outros: Santa Efigênia, Santo Antônio, São Sebastião, São Geraldo, São José, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora Aparecida e o Divino Espírito Santo.

Em suas vestimentas, os grupos destacam as cores dos santos: azul, rosa e branco para Nossa Senhora do Rosário, marrom para São Benedito, verde, cinza, vermelho e até o laranja, que não se relaciona com nenhum santo, mas foi a cor escolhida em Conceição do Rio Verde (MG).

Em Minas Gerais, as guardas são de congo, moçambique, catopé, marujada e apenas um vilão. Já em São Paulo os grupos ora são chamados de congadas, ora de moçambiques e os próprios congueiros (congadeiros, em Minas) afirmam que a congada é o moçambique, fazendo uma pequena confusão com os nomes. Coelho (2016) relata a importância dessa cidade no ciclo do ouro e depois no da cana-de-açúcar, e também discute a confusão de nomes dados às guardas, trazendo depoimentos dos próprios congueiros. Também nesta pesquisa, muitos são os nomes dos grupos. O senhor Benedito G. de Faria, de Taubaté (SP), por exemplo, nos disse:

B. G. F. (2019): nós toca o Divino, não dá pra fazer o moçambique, nois recebe as congadas de fora, hoje a gente fala moçambique, é do congo mesmo, é a congada. Eles são maior com instrumento. Daqui paulista é só quatro, o resto é de Minas. Nós só não tem marungo⁴, que tem criança que chega e tem medo.

Sobre a diferença entre congada e mocambique disse o Ademar Gonçalves Gonçalves, de Guaratinguetá (SP):

A. G. G. (2019): Congada são instrumentos pesados, tanto faz de couro, como sanfonas ... agora, na realidade moçambique é pequeno caixinha, surdinho, viola, um pandeiro, coisa pequeno. Por isso que existe a diferença, só que nós unimos os dois.

Por sua vez, Osvaldir A. L. de Toledo, o Seu Tuca, de Cunha (SP), afirma:

O. A. L. T. (2019): Congada de São Benedito. O nome é esse, aqui em Cunha. Por que em Paraty é Marrapaiá. Aqui é Congada e em cada estado é um nome, né, um nome diferente. Igual em Minas é Moçambique, Congado, Congo, né? Só que lá é diferente, eles não usa bastão, né? Mas aqui a gente usa, deles é só instrumento. Lagoinha também é só instrumento, não tem bastão também. São Luiz do Paraitinga é... Não é São Luiz, é Ponte Nova, que já tem com bastão também.

Estas falas mostram que existem diferenças entre as manifestações, apesar de todas fazerem parte do Reinado. Elas dizem respeito aos instrumentos usados, aos ritmos tocados, às formas de cantar, às vestimentas, dentre outras.

⁴ O marungo a que se refere o senhor Benedito é um palhaço, personagem das folias de Santos Reis, que ocorre em dezembro e janeiro. Ver Van Der Poel (2013).

Alguns grupos se definem como religiosos, com predominância de católicos, e outros mistos, com espíritas. Outros grupos se definem como folclóricos e religiosos, pois participam de festivais, aniversários e, também, das festas para os santos e do pagamento de promessas. Muitos grupos promovem outras manifestações como a folia de reis, a folia do Divino, tradições fortes em Minas. Em São Paulo, além dessas, é forte o jongo, a dança de São Gonçalo, a cana verde, o lundu e a catira.

O número de componentes do grupo varia, mas em média é de 30 pessoas. Muitos destacam que os grupos estão envelhecendo, sendo difícil incentivar os jovens e crianças a participarem da tradição. Na maioria, os membros das guardas são pessoas da família, amigos, moradores do mesmo bairro, permitindo uma vivência coletiva estendida e intimista, sendo as comunidades unidas pela manifestação.

Muitos capitães e mestres afirmam que os jovens pensam diferente, têm vergonha de usar as roupas tradicionais e não permanecerem nas guardas, preferindo lidar com redes sociais, tirando e postando fotos. Mesmo durante a manifestação religiosa, eles preferem shows e grupos de pagode⁵. Os mais velhos dizem ainda que perdem um ou outro jovem para as drogas e violência. Já as crianças são sempre bem-vindas, apesar de algumas guardas relatarem dificuldade em mantê-las, pois elas exigem cuidado, e, além disso, não podem xingá-las para não desanimá-las⁶. O senhor João dos Santos Leone, de Itabira (MG), disse que elas “são um presente de Deus, guarda que não tem criança não tem muito poder de evoluir”.

São muitos os aprendizados de quem vive o congado, ou as congadas. O que se dá pela observação e participação. Para alguns, esse conhecimento já está no sangue, outros buscam o conhecimento com os mais velhos e também em livros e documentários. Esse processo é a própria cultura viva, o reconhecimento do louvor ao

⁵ Sobre a juventude no Congado ver teses de Brandão (2020) e de Silva (2020).

⁶ Sobre a participação das crianças ver tese de Altivo (2019).

rosário de Maria e a todos os santos e, ainda, do trabalho dos que aqui estão e dos que já se foram.

Em quase todas as guardas de Minas Gerais encontramos o trono coroado. Existem variações, mas compõem o Trono Coroado o Rei e a Rainha Congo, o Rei e Rainha Perpétuo, o Rei e a Rainha Mor, o Rei e a Rainha de Ano, o Primeiro, Segundo e Terceiro Capitão. Cada rei ou rainha assume uma função nas festas. Quase sempre os reis Congo, Perpétuo e Mor são os que possuem a sabedoria do congado, orientam as guardas, representam os santos na terra. Os Reis de Ano são os festeiros e responsáveis pelas despesas com a festa. Diz o senhor João dos Santos Leone, de Itabira (MG), que “Reinado sem congadeiros não é reinado”, chamando a atenção para a importância dos outros componentes dos grupos.

Em São Paulo, a maioria das cidades não possui o trono coroado, coroação de reis ou o Reinado, havendo o Mestre, Contra-Mestre, Capitão e as rainhas das bandeiras dos santos e do estado. Em Taubaté encontramos o Rei e a Rainha Congo, as rainhas de bandeiras de São Benedito, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, Divino, a Rainha do Folclore e as rainhas das bandeiras da cidade, do estado e do país. É costume um sorteio para definir os reis e rainhas congo do ano. Ser o sorteado enche de orgulho os devotos.

Também os instrumentos usados variam. Os mais comuns são tambor, patangome, caixas, gungas (campanha), sanfona, cavaquinho, banjo, bandolim, violão, pandeiro, reco-reco, cuíca, timba, ganzá, tamborim, tarol, surdo, ruflos, chocalho. Cada grupo usa de acordo com o ritmo tocado, como o congo, moçambique, catopé, vilão, serra abaixo, ou das danças, como a dos bastões e a cacunda, que existia em apenas em Ijaci (MG). Segundo André L. F. Medeiros, “o terno de cacunda é quase igual ao

catopé, mas na hora de dançar é diferente, só invés de bater o pé eles batem cacunda com cacunda”.

Os rituais são desenvolvidos com danças e cantos passados, pela oralidade, de geração em geração. Cantos para pedir licença quando se chega no território de alguém, para receber e agradecer o alimento (café ou almoço), para a missa conga, para levantar e descer mastros, para as procissões, para o encontro de bandeiras, dentre outros. Alguns capitães se orgulham de improvisar os cantos na hora, sem copiar versos cantados por outros. Dizem esses capitães que esses versos improvisados vêm na alma.

As Narrativas Míticas

Essas manifestações se fundam em narrativas míticas. Em Minas Gerais, a devoção a Nossa Senhora do Rosário se dá pelos congadeiros reconhecerem-na como mãe dos escravos. Os congadeiros dizem que existe a mãe da terra e a dos céus, Nossa Senhora. O mito é contado de diferentes formas⁷. Para alguns, a imagem de uma moça (santa) apareceu numa pedra, ou numa gruta. Para outros, essa imagem da Senhora do Rosário veio do mar. Em Lavras (MG), dona Helena C. Felisberto narrou que:

H. C. F. (2019): A Nossa Senhora do Rosário apareceu numa gruta de pedra né, então eles queriam tirar ela e ninguém conseguia tirar. Aí foi o terno de moçambique, canto bonito para ela, não tirou, foi o terno de marujos, foi o terno de penachos, aqueles que tem um penacho bonito, catopé não tirou. Quem tirou foi o vilão, achou interessante, ela acompanhou o vilão, eles foram cantando, foram batendo os pauzinhos, foi dançando ela achou muito interessante aí ela foi saindo dali. Aí eles fizeram uma igreja para ela logo na frente, os pretinhos fizeram a igreja para Nossa Senhora.

Em Ibituruna (MG), o senhor Maximiliano S. Neto disse que:

M.S. N. (2019): Olha a história de Nossa Senhora do Rosário que a gente sabe é que Nossa Senhora do Rosário, antigamente, quando era os nego, o senhor levava o povo para trabalhar, chego perto de uma mata e saiu uma dona, e saiu, foi lá no meio do mato, ficou lá. Ela acendeu uma vela pra uma imagem e todo dia ela ia lá acender uma vela. Ai o guarda falô: procura ver o que que essa mulher tá fazendo. Ai, foi lá e encontrou uma imagem aí, vai

⁷ Uma análise do mito de Nossa Senhora do Rosário, com suas imagens e simbologias pode ser encontrado em Alves (2008) e Noronha (2014, 2017).

daqui, vai dali, vamos fazer uma capela, vamos fazer uma capela e todo mundo pelejando para tirar Nossa Senhora do Rosário de lá e todos foram lá, ninguém tirou só o moçambique foi lá e tiro Nossa Senhora do Rosário. Então por isso que moçambique é que puxa a coroa. Todo lugar que nós vão, tem mais moçambique, primeiro entre esse aqui, esse aqui sai, entra outro, e assim vai puxando a coroa.

Outro depoimento, de Conceição de Rio Verde (MG), diz que Nossa Senhora do Rosário e São Benedito eram pessoas boas e caridosas, por isso foram considerados padroeiros dos congados. Nossa Senhora seria a luz que desceu dos céus, se sentou no tambor e partiu as correntes dos escravizados. Percebe-se que não existe uma única versão do mito, acreditando-se que os mais velhos conheciam as histórias dos santos, que, hoje, precisa ser encontrada em outras fontes. Por isso, reconhecem a importância de ensinar aos mais jovens.

Tadeu N. Souza, de São João Del Rei (MG) nos conta uma outra história:

T. N. S. (2019): Olha, é um conto que meu pai falava. Ele falava que na época não existia nem congado nem moçambique, que o Brasil devia a coroa de Portugal, ele nem sabia contar por que ele era um matuto, um 'homi' da roça, isto deve de ser passado de preto para preto, mas ele contava que a coroa de Portugal cobrava ouro aqui do Brasil e que tinha uma necessidade muito grande daqui, os fazendeiros não estavam dando conta de mandar a quantia desse ouro, ele falava que era o tal de Dom Joao V, e daí que surgiu a expressão 'quinto dos inferno'. Depois ele contava que na África tinha um rei que chamava Calanga, e que esse Calanga era muito esperto, experiente em Minas, e que foi lá e pegaram esse nego, não sei como foi, pegaram ele e dentro do navio negreiro tinha um nego que falava a língua portuguesa e a língua iorubá ou banto, num sei, e falou com ele: se você quiser se dar bem no Brasil você tem que aceitar Jesus como seu Deus né e Nossa Senhora do Rosário. Aí ele disse para esse intérprete, nego também: olha Jesus para o povo branco e zamboapongo para o povo de Calango.

Essas versões diferentes do mito confirmam que a tradição é oral. Em Minas Gerais, também a história de Chico Rey é lembrada, apesar de muitos afirmarem não ter conhecimento sobre quem foi ele. Em São Paulo, Chico Rei não é citado. O senhor Maximiniano fala:

M. S. N. (2019): Não, eu não tenho muito conhecimento, mas Chico Rei é um dos membros do folclore, porque é o que a gente ouvi falar. É o que o Sr. Gonçalo, que é meu capitão, que me ensinou, falô muito, mas a gente acaba esquecendo né. É muitos anos que já passaram né, um dia a gente tá bom da cabeça outro dia num tá, cabeça fica tão cheia a gente acaba esquecendo. Mas Chico Rei tá aí firme e forte, graças a Deus. Por isso que quando a turma vai sair a gente grita: Viva Chico Rei! Vida zumbi! Viva! Viva Zumbi dos

Palmares! Por que Zumbi dos Palmares veio da escravidão né. Porque a hora dos escravos era a hora que ele estava cantando, fazendo fogueira, dançando lá nas casas dos patrão né, era a hora que estava surgindo Zumbi dos Palmares e Nossa Senhora do Rosário é que a mãe de todos os escravos, a mãe dos escravos. Nossa Senhora que a mãe dos escravos e abençoava todo mundo. Quando o senhor chegava e batia Nossa senhora que curava aquelas feridas.

São Benedito também é muito celebrado em Minas, mas em São Paulo a devoção ganha destaque:

M. S. N. (2019): São Benedito ele era cozinheiro do quartel né, então ele todo dia, ele gostava de cuidar das crianças de rua, aquelas crianças abandonadas, passando fome. Aí todo dia, ele tinha a batina dele, que ele amarrava e enchia as mangas com coisas para as crianças comer. Elas ficavam tudo esperando ele, ele levava. Aí quando foi um dia o comandante falou: “o que que cê tá levando ai Benedito?”. “Num tô levando nada não, senhor”. “Cê tá levando alguma coisa ai, o que que tem nesta camisa sua que tá cheia?”. “Num tem nada não senhor.” “Então abre esta camisa ai?” Ai quando ele abriu caiu aquele tanto de rosa assim. Por que ele cuidava das crianças que passava fome.

Essa narrativa é contada com poucas variações pelos congueiros do Vale do Paraíba (SP). Outra curiosidade é sobre o doce de São Benedito, servido nas festas. Diz Joaquina Vieira, de Taubaté (SP):

J. V. (2019): Eles falam doce de São Benedito, é o doce santo. Ai se você tiver com uma dor de cabeça, um dor, se comer uma pontinha daquele doce é a saúde daquela pessoa. Então, porque que todo ano tem doce em Aparecida, em Guará. Toda festa de São Benedito tem o doce e pra quê? O doce é sagrado, tem gente que pega um pouquinho de doce e da pra família inteira comer. Porque uma pontinha de doce que vc come é uma graça que você vai receber na sua vida. A saúde é o mais importante, saúde pra continuar levando. Você come doce é um santo remédio pra você. Minha mãe pegava o doce e dava pra família inteira, uma pontinha. Era a fé. Doce de vários tipos, de abóbora, batata doce, mamão, são os três mais chegados.

A Santa Efigênia tem muitos devotos, entretanto, nenhum dos grupos pesquisados soube falar sobre a sua história. Diz o senhor Maximiliano: “eu não sei falar muito de Santa Efigênia não, sei mais que é uma Santa Negra também né!”.

Em Tiradentes (MG) outra narrativa chamou a atenção: a vida da Escrava Anastácia, que dá nome a guarda, informada por Claudinei M. Nascimento:

C M. N. (2019): Escrava Anastácia até aonde a gente sabe um pouco né, é que ela quando foi capturada na África eles mataram o marido dela e ela

jurou que não ia ser de nenhum outro homem. É tanto que ela morreu com aquela mordida na boca como castigo né, sem comer, sem beber até a boca dela ferir tudo e ela ficou muito doente foi indo até morrer. Porque o Senhor que era dono dela queria... Você falou na língua do povo, queria ficar com ela e ela não aceitava né. E ela foi resistente e ela quer que nós resista até onde for possível com nossa cultura, de nosso povo. Agora a gente vai passar dificuldade bem pesada, mas é igualzinho ela, mesmo ela com a boca fechada só, ela não gosta que ninguém abaixe a cabeça não, então nos vai ter que lutar. Nós vamos ficar firme e forte.

A história das lutas entre os mouros e cristãos também é lembrada por muitos. Para José Roberto, de São João Del Rei (MG), “o mouro, ele corre atrás das crianças, ele quer incomodar, ele representa o mal”.

O Significado do Congado

Vários são os significados do congado para quem vive a fé no rosário. O congado é resistência histórica do negro escravizado. É o fundamento, o mandamento e o sacramento dessa cultura. É tradição de família e memória dos antepassados, do sofrimento do povo negro escravizado. É luta, representada pela dança dos bastões. É lembrar que estão vivos. É trabalhar com pessoas de diferentes idades, gêneros, etnias, capacidades físicas e mentais, sem distinção. É louvar Nossa Senhora! É amar o rosário de Maria! Diz Tiago O. Galvão, de Conceição do Rio Verde (MG), que “quem não dança o congado não sabe o que é bom”. É cultura, é dança, é folclore, é tradição, é crença, é religião. É doação, harmonia e também diversão, pois, como disse Osvaldir A. L. Toledo, de Cunha (SP), “aqui não tem tristeza, a gente esquece os problemas”. A fala de Tadeu N. de Souza, de São João Del Rei (MG) sintetiza esse sentimento:

T.N.S (2019): É para mim significa muito porque, primeiramente, eu tô fazendo um trabalho que eu tô lembrando as histórias dos meus, os negros benguelas. Os negros benguela, vou falar, eles são meus parentes né, nos estamos lembrando as histórias deles e fazendo que isto aí não cai no esquecimento, não vai ficar debaixo do tapete. Já as pessoas de religião, políticos, pessoas comuns, aonde esse movimento negro ele sempre parece que incomoda um pouco certas pessoas, e eles querem jogar para debaixo do tapete, e é essa hora que os tambor tem que bater mais alto e as gungas chiar mais alta, para lembrar que nós estamos vivos. Esta é a intenção minha de manter história. Como segunda intenção que eu te falo é louvar a Nossa Senhora do Rosário. Nossa Senhora do Rosário era muito importante, ela foi

a mãe de Jesus, ela que trouxe Jesus ao mundo, que cuidou de Jesus o filho de Deus né. Então é muito bacana a gente louvar o rosário, louvar Maria, ne isso, e louvar os outros santos negros. Num é porque nós somos racista com o povo branco nem com os santos brancos não, entendeu? Porque depois que nós morrer, a alma não tem cor, todo sangue é vermelho, não é isso. Agora vou colocar o terceiro fato, porque eu tô neste movimento: amor, tem que ter muito amor, amor, amor, amor. Então se não tivesse esse triângulo de coisa, para mim não dá porque eu não consegui equilibrar. Isso é o meu combustível, isto é a minha força o meu sustento e a minha resistência. Estas três coisas: Nossa senhora, a cultura que vem dos meu antepassado e o amor que eu tenho pela coisa. Os italiano tem suas massas, seus macarrões maravilhosos, seus vinhos, e eles não deixa acabar, porque nós os negros, vai deixa acabar? só porque nós apanho no tronco, não nós temos que tocar nossos tambores. Nossas feridas já fechô mas a nossa história está aberta.

A fé em Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e os outros santos se relaciona com o amor, com a crença na tradição, com os milagres e graças alcançadas. São vários os depoimentos sobre essas graças: “Ela é a mãe e nos protege”; “Ela me deu a vida de novo”; “Se mil vidas eu tivesse mil vidas eu daria para louvar o rosário de Maria”; “A fé levanta quem tá doente”; Com ela eu conquisto tudo que peço”; “Nossa Senhora do Rosário tem muito poder”; “O sujeito tá encravado, com a fé viva em Nossa Senhora ele não cai no buraco não”; “Eu não durmo sem rezar o terço”; “sem fé a gente num remove montanhas”.

Os Símbolos do Congado

Vários são os símbolos presentes na manifestação. Sérgio Lima lembra que no Reinado existe o fundamento, o mandamento e o sacramento⁸. Segundo o entrevistado:

S. L. (2019): Fundamento tem que saber o que é o congado, o que é o rosário, saber a função de um capitão. O Rei do ano não tem necessidade é mais as pessoas que fazem promessas, essas coisa. Agora Rei Congo e Rei Perpétuo já tem que saber mais aquela bagagem que a gente fala, tem que ter sabedoria, aprendizado, saber falar pro próximo, tem que ter um certo fundamento. Coroa de Rei congo e Perpétuo é uma coroa pesada, não é brinquedo é muita responsabilidade.

As coroas são sinal de respeito. O fundamento, sacramento e mandamento do congado também estão presentes nos bastões dos capitães. O bastão é adornado

⁸ Ver Noronha (2014, 2017).

conforme a criatividade daquele que o porta, sendo um traço da identidade dessa pessoa e representa a sua função na festa. Segundo Sérgio Lima (2018), o bastão “é para saber que aquela pessoa está regendo grupo, ele é autoridade, não é qualquer pessoa que chega e pega o bastão”. Conforme esse informante:

S. L. (2018): Tem relato de pessoas, os mais antigo que conta, que foram pegar um bastão e caíram no chão do nada, porque a energia que tá aqui, é muita coisa. Este bastão antigo eu não sei o que as pessoas fizeram, colocaram nele, tem muita malícia. Aqui a gente fala que a força tá vindo da terra.

Ainda segundo o entrevistado:

S. L. (2018): Você pode reparar que meu bastão tem uma cabeça, toda cabeça é pra cima, se você colocar a cabeça pra baixo, a força que cê tá puxando para o céu, cê tá puxando é pra baixo. É igual um rio, cê vai indo, cê num vê a água indo pra baixo, cê num vê a água volta pra trás. Então, é por isso que nosso bastão é levando para o céu, que tá pegando a força da terra, que vai passar pela gente, que vai colocar o axé nele, que vai pedir a benção do céu, a benção vai elevar. Você pode ver que quando uma bandeira tá no chão, ela tem o contato primeiramente com o chão, as pessoas vão pedir a Deus: ô Deus eu não quero que nada aconteça. Ai quando coloca no mastro e ela sobe para o céu, é que tá levando o pedido pro alto. Ai tem o vento, quando a bandeira tá no céu ela vai levar coisas boas, vai levar coisas ruins, o vento pode trazer coisas boas e ruins, isto vai da fé da pessoa que fez o pedido. É muita história, é vivendo e aprendendo cada dia.

Outro símbolo importante no congado é a espada, que é usada por alguns capitães para guardar a coroa, como disse o Sérgio:

S. L. (2018): porque tudo que vier, tudo que vier vai parar neles. Se caso acontecer de passar, vai ter uma pessoa que tá guardando a coroa. Aí vai parar nela, a espada é um poder de força, de firmamento, todo mal que para nela vai ser cortado. Você pode ver que a espada corta dois lados, que a pessoa pode mandar o mal de qualquer lado, da direita, da esquerda e a pessoa pode cortar.

Deve-se mencionar também o mastro. Na festa são vários mastros tendo no alto a bandeira do santo padroeiro. Essenciais na realização da festa, os mastros fazem a ligação entre o céu e a terra (NORONHA, 2017), representando o vínculo dos congadeiros com o divino. São erguidos para darem início e encerramento a festa e ocasionam momentos de grande devoção e tensão, tanto pela sacralidade quanto pelo

esforço físico feito para erguer e baixar com segurança esses postes de madeira ou metal.

As Festas no Caminho Velho da Estrada Real em Minas e São Paulo

Pelo percurso da Estrada Real encontraremos festas de congada, moçambique e outras. Festas religiosas e de movimentos culturais e folclóricos, como os de Olímpia (SP). Festas grandes, com participação de muitas guardas, ou menores, com grupos locais. Uma grande festa, em homenagem a São Benedito, acontece em Aparecida (SP), no mês de abril, e recebe guardas de Minas, Goiás e de São Paulo, cada uma com suas características específicas. Segundo João Donizete dos Santos, de Aparecida (SP), a festa teve seu início em 1909, sendo organizada pela Irmandade de São Benedito. Diz o entrevistado:

J. D. S. (2019): Na época, antigamente, eles iam festejam muito em Guará e aqui não existia, aqui nem existia igreja de São Benedito. E como eles resolveram um dia fundaram a irmandade aqui e resolveram fazer a primeira festa de São Benedito em 1909. Até a primeira festa foi feita na igreja velha porque não tinha Igreja de São Benedito ainda. Ai começaram a ganhar fundos, construíram a igreja de São Bendito, enquanto isso a imagem de São Benedito ficava hospedada na igreja de Santa Rita, por isso que São Benedito festeja, e vai buscar Santa Rita pra festejar junto. Todos grupos de Congado no sábado eles vão lá na igreja Santa Rita buscar a Santa Rita pra trazer ela pra participar da festa de São Benedito, porque ela que acolheu quando não tinha igreja. E na terça-feira quando acaba a festa eles levam Santa Rita de volta. O carro das irmandades que levam.

Também Izabel C. O. C. dos Santos, de Aparecida (SP), comenta sobre esta festa:

I. C. O. C. (2019): Na verdade a festa da cidade é a de São Benedito. A festa de Nossa Senhora Aparecida é para o romeiro. Mas a festa da Aparecida, a festa do povo de Aparecida, é de São Benedito. De Aparecida e da região, porque tem shows bons e o pessoal vem, pessoal gosta da Cavalaria, gosta da Congada.

Os depoentes afirmam que a festa é organizada pelos próprios grupos, com ou sem apoio dos órgãos governamentais. A Tabela 3 mostra o calendário dessas festas e como são realizadas em suas localidades:

Tabela 3: Calendário das Festas⁹

CIDADES	GUARDAS	FESTA	DATA
1. BELO VALE	1. Associação Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale	Acontece na sede do grupo e na igreja da comunidade. Realizam a novena de 12 dias com reza do terço. No domingo, as crianças fazem a coroação de Nossa Senhora.	3º domingo de outubro
	2. Guarda de Nossa Senhora do Rosário de Vargem de Santana	São 10 dias de festa, com novenas, levantamento de mastro, missa, procissão e almoço coletivo. No domingo é a festa maior.	junho
2. SÃO JOÃO DEL REI	1. Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário de Santo Antônio de Rio das Mortes Pequeno	Duas festas: Nossa Senhora de Santana e Nossa Senhora do rosário. Nesta última, oito dias antes da festa fazem o levantamento do mastro. Os reis festeiros organizam a festa. A primeira e a segunda coroas oferecem almoços e lanches.	junho e outubro
	2. Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião	Sem informação	–
	3. Guarda de Moçambique e Santa Efigênia	O grupo faz teatro contando a história de Nossa Senhora e coreografias.	–
	4. Guarda de Congado São Benedito e São Sebastião	Além da festa de janeiro fazem a festa do Divino.	17 a 20 de janeiro
	5. Guarda de Moçambique Kicongo (Distrito de Ijaci)	Realizada pelo próprio grupo. Levantamento de mastro 15 dias antes.	01 de outubro (muda em ano de eleição)
3. TIRADENTES	1. Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário Escrava Anastácia	Festa uma vez por ano.	Último domingo de setembro
4. IBITURUNA	1. Guarda de Moçambique de	Rei e Rainha Mor	Última

⁹ Na pandemia da Covid 19, as festas foram suspensas.

	Ibituruna	organizam a festa. Comunidade ajuda e acolhe outras guardas.	semana de junho
5. CARRANCAS	1. Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário de Carrancas	Próprios congadeiros organizam. Levantam mastro 7 dias antes.	Segundo domingo de outubro
6. LAVRAS	1. Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Não fazem mais festas. O grupo se desloca a convite para apresentações, por exemplo, em asilos. Tem um coral congo.	–
7. CONCEIÇÃO DO RIO VERDE	1. Irmandade São Benedito e Nossa Senhora do Rosário	Reúne todos os ternos na cidade e sorteia o rei e rainha de ano. Festa realizada em um único dia.	13 de maio
8. ITABIRA	1. Guarda de Marujo de São Sebastião	Reúne no encontro da cidade.	09 de outubro
	2. Guarda de Marujo de São Benedito	Um dia – sábado ou domingo. Levanta a bandeira num dia e desce no outro.	09 de outubro
9. LORENA	1. Grupo Folclórico e Religioso de São Sebastião de Lorena	Não faz festa do grupo, participa de outras.	–
	2. Congada Moçambique de São Benedito da Área Industrial	Participa do encontro de congadas uma vez por ano. Festa na sede, organizada pelo grupo.	julho
10. GUARATINGUETÁ	1. Associação Cultural de Congada e Moçambique	Festa no aniversário da congada, organizada pelo grupo.	abril
11. APARECIDA	1. Festa de São Benedito	Entrevistados organizam a grande festa de São Benedito na cidade há mais de 20 anos. São várias comissões e mais de 1500 pessoas trabalhando. A festa existe há mais de 110 anos e recebe visitas de MG, SP e GO.	abril
12. PINDAMONHANGABA	1. Congada de Pindamonhangaba	Sem informação	–
13. CUNHA	1. Congada de São Benedito de Cunha	Não tem festa própria. Fazem festas para aqueles que querem pagar promessas; na praça para os santos; a festa do Divino. Abrilhanta a festa de Parati.	–
14. TAUBATÉ	1. Congada de São Benedito do Alto Cristo	Fazem a festa antes da de Aparecida e comemoram o aniversário da congada.	abril e 24/12
	2. Grupo de Moçambique do Parque São Cristóvão	A festa cresceu muito e é realizada desde 2010 na escola. 3000 pessoas.	14 de julho
15. LAGOINHA	1. Congada de São Benedito e Nossa Senhora da Conceição	Realizam o Encontro de Congadas desde 2102, em abril depois de Aparecida.	abril, julho, outubro e

		Festa do Divino em julho, festa de São Benedito 05/10, festa da padroeira em dezembro. Possuem ainda o grupo Orgulho Caipira que apresenta em festas na cidade com a Dança do Sabão, a Dança do Caranguejo, a Dança de Moçambique e a de São Gonçalo	dezembro
16. PARATI	Não tem grupos	Festa do Divino. Realizada pelo grupo de Cunha – denominam a congada por Marrapiá	junho

Fonte: A autora (2020).

Os rituais nas festas são muito parecidos: rezas de terços e novenas antes do início dos festejos, alvorada, busca de reis, coroação de reis e rainhas, levantamento e descida de mastros, missa conga, procissão, banquetes coletivos. Estes rituais podem durar de um a dez dias, dependendo do local e do grupo.

As guardas organizadoras das festas recebem muitos convidados. Por outro lado, os grupos se comprometem em participar da festa daqueles que os visitaram. As trocas de visitas são muito comuns. Desse modo, cada grupo, em sua região, circula, sempre que possível, entre as festas em outras cidades. Foram várias as localidades citadas por eles, além das cidades visitadas nesta pesquisa, como, em Minas Gerais, Divinópolis, Perdões, Bonsucesso, Carmo do Cajuru, Ribeirão Vermelho, Macaia, Nepomuceno, Carvalhópolis, Oliveira, Passatempo, Dores do Campo, Cana Verde, Jacaré, Porto Mendes, Retiro dos Pimenta, Resende Costa, Carmo da Cachoeira, Campo Belo, Cambuquira, Silvianópolis, Jesuânia, Campanha, Cordislândia, Itambé do Mato Dentro, Antônio Dias, Santa Rita do Barreiro. Em São Paulo: Olímpia, Guararema, Engenheiro Passos, Redenção, Turbolândia, São Luiz do Paraitinga, Atibaia, São José dos Campos. Valinhos, Frei Galvão, São Miguel, Cotia, Catuçaba. Já no Rio de Janeiro, os congadeiros relatam ter visitado Angra dos Reis e Parati.

Relação com as Prefeituras Municipais, as Igrejas e Escolas

Para a realização de visitas, as guardas necessitam de transporte, contando com a ajuda das prefeituras e comunidades. Algumas relataram ter bom relacionamento com as prefeituras e conseguem apoio para o transporte e realização da festa. Outros relatam que não têm mais este apoio. Para aquelas guardas consideradas patrimônio imaterial recursos do ICMS Cultural são repassados. Mas muitas dizem que a festa é realizada por eles mesmos e com dinheiro do próprio bolso. Nestes casos, é comum a comunidade e os reis festeiros contribuírem um pouco mais.

Também a relação com os párocos das igrejas é diversa. A maioria relata que os padres são apoiadores e recebem bem os grupos. Poucos disseram que já tiveram problemas com padres que não entendem ou, às vezes, nem reconhecem a manifestação.

O envolvimento com as escolas é destacado por vários grupos. Muitos relatam que as escolas municipais nunca convidam para apresentações ou explicações sobre os/as congados/as. Entretanto, muitos informantes disseram ser chamados somente no dia de “comemoração” da libertação dos escravos, 13 de maio, e no da Consciência Negra, 20 de novembro. Os depoentes destacam o quanto isso é importante para romper com preconceitos e para o entendimento da história dos negros em nosso país. Nesse contexto, Claudinei M. do Nascimento, de Tiradentes (MG) afirma que:

C. M. N. (2019): O que ocorre, o pessoal só lembra da cultura negra no dia da consciência negra, passou aí o nego já não significa mais nada. Na nossa cidade não é muito diferente não as escolas do nosso município não dá a mínima para o que a gente faz. É tanto que tinha um trabalho para ser feito na escola. As meninas viu a gente numa festa que tava sendo feita lá na escola não filmaram, no outro dia chegou aqui para me entrevistar. Eu falei olha a gente passou lá ontem você não tirou nenhuma foto agora você está correndo atrás de foto? Então, a nossa escola não dá a mínima. A gente faz muita apresentação para escola do Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Goiás, a gente faz, mas da cidade mesmo... Agora que parece que eles vão acordar um pouco. O diretor já até me chamou para conversar já tava na hora de acordar né? Então, nós tem muita coisa para oferecer para o Brasil não tem quase nada, o Brasil tem pouca coisa para oferecer para a gente.

Questionado sobre o motivo deste descaso com o Congado, Claudinei responde:

C. M. N. (2019): Não é só como Congado, mas tudo que vem se tratando das coisas de matriz africana é muito discriminado. É o Congado, é umbanda, é qualquer que vem dessa área da nossa cultura africana é muito discriminado. É tanto que a gente chega nos lugares para tocar, a gente chega meio assim, porque eu gosto muito de tá homenageando os pretos velhos a Escrava Anastácia. Dependendo do lugar você tem que chegar cantando com cuidado, com muito cuidado para não assustar o pessoal. Aí quando você ver que o pessoal também joga no mesmo time nosso aí você solta. Tem que fazê igual antigamente, você coloca o santinho católico em cima na mesa do altar e põe nossos santos africanos lá de baixo e assim que a gente tem que trabalhar muito das vezes. Só que aqui em Tiradentes eu tô trabalhando em aberto mesmo.

Em Belo Vale (MG), existe o Museu do Escravo, mas pouco é feito em articulação com a escola. Um dos depoentes relata a dificuldade de ir à escola por motivo de trabalho de seus componentes. Um grupo de São João Del Rei (MG) e outro de Lavras (MG) citaram uma aproximação com duas universidades federais: UFSJ e UFLA. O entrevistado de Carrancas (MG) disse que seu grupo sempre vai à escola mostrar a cultura. Já a cidade de Lagoinha (MG) destaca a Ciranda Cultural e o trabalho realizado nas duas escolas municipais existentes, com oficinas mensais, desde 2014.

A Estrada Real e o Turismo

Muitos depoentes afirmam que as festas contribuem com o turismo na cidade, pois aumenta o número de pessoas que se deslocam para assistir o congado. Segundo José Tadeu Nascimento, de São João Del Rei (MG):

J. T. N (2019): Ah com certeza, influência. Agora que tombou patrimônio histórico. Enche a cidade. Ainda mais quando tem a festa do Divino. Eu acho que era a falta de ter um empurrão do IPHAN e do patrimônio histórico que ‘tava faltando, as vezes eles ‘tavam por fora da lei do congado. Agora já ‘tá sabendo o que significava o destino do congado. Que verba vem pra isso, destinado pro congado. Pra eles as vezes achavam que não tinha valor. Agora eles ‘tão vendo. Agora deve mudar né.

Entretanto, na mesma cidade encontramos outro depoimento, de Tadeu N. Souza:

T. N. S. (2019): Porque como que eu vou falar... Os governantes da cidade eles não mostra a gente, eles mostram outras coisas, mostram a fanfarra, coisas de carnaval, outros grupos dançantes, outras coisas, mas museu

andante vivo, eles não mostra. Somos excluídos, e não adianta falar, que aqui a gente fala vai lá na praça, vai turista, eles não dá essa oportunidade pra gente. Aqui na nossa cidade nós fica na cozinha nós nunca vai pra sala não, a visita fica na sala e nós na cozinha. Mas quando a gente vai em Tiradentes a gente vai tirar festa lá, a gente é muito bem recebido pelos turistas, é uma aceitação, eles cantam junto, eles perguntam, eles querem interagir. Muito bacana. Aqui em São João é muito diferente. Nem na igreja do Rosário eles deixa nós ir. Congado não entra lá, se entrar tem briga, e foi os benguela que construiu.

Em relação à Estrada Real, a maioria dos congadeiros disse que não faz diferença aproveitar turisticamente o congado, pois as festas não são divulgadas.

Segundo o depoimento de Sérgio Lima, de Belo Vale (MG):

S. L. (2018): Olha, turista aqui é muito é pouco, é mais local né. Aqui pelo fato de passar a Estrada Real aqui eu acho que não tem nada a ver. Porque não vem gente quase nenhum. Vem mais gente em Belo Vale porque lá tem o museu, mas de lá mesmo eles vão embora. Essa igreja por ser antiga, praticamente não vem ninguém, só o pessoal daqui mesmo, ou alguém que vem de fora, assim como a senhora que vai lá, e fica doido para conhecer.

Os congadeiros, a exemplo de Ademir F. G. Dias, de Belo Vale (2018), sugerem a elaboração de um calendário festivo, que os órgãos públicos deem visibilidade aos eventos e que haja uma divulgação das festas:

A. G. D. F. (2018): Eu acho que é pouco divulgado neste sentido, é mais entre a gente mesmo, mas poderia ser um vetor, um chamativo pra turismo. Porque é uma região, se você pega o circuito todo do Vale do Paraopeba, todas as cidades tem. Se você faz um calendário festivo, todas vão ter. A partir do momento, depois da quaresma, de abril até dezembro, todo mês vai ter festa, cada um santo, com um ritmo, com uma vestimenta, com uma história. Isto seria muito bom, meio divulgação né. O conhecimento faz com que as pessoas que tem uma certa resistência quebre a resistência, quem tem preconceito né. O respeito há algo diferente.

Um depoente disse que os congadeiros são excluídos e que ninguém interessa pelo trabalho deles. Apenas em Ibituruna (MG) foi feita referência a Estrada Real na cidade, no depoimento de Maximiliano S. Neto:

M. S. N. (2019): A Estrada Real tem, nós temos aqui o marco Mercês Maria, perto da onde você passou para ir na Elza, ao lado da Igreja do Rosário, tem uma corrente que é o marco de Mercês Maria, que é o começo da Estrada Real, tá lá pra todo mundo vê.

Desse modo, a hipótese de aumento do turismo na Estrada Real por ocasião das festas culturais não se comprovou. É preciso que haja um maior incentivo das políticas públicas no desenvolvimento de ações para a constituição de uma “real” Estrada Real.

Considerações Finais

Ao longo do trajeto da Estrada Real, a festa do Congado fez e se faz presente em vários municípios, momento em que os devotos modificam a estrutura social dessas localidades, ocupando de forma diferenciada seus espaços, com procissões, missas, hasteamento de bandeiras, seguidas de cantos, danças e som dos tambores. São grupos sociais que, quase sempre, vivem no anonimato e, seguindo um calendário religioso peculiar, se reúnem para lembrar um tempo e um imaginário mítico impossível de ser, por eles, esquecido. Por sua grandiosidade e complexidade, as pesquisas sobre a manifestação se abrem para numerosas possibilidades de análise.

O congado, além de sua importância religiosa, é uma possibilidade de conhecermos um pouco mais sobre nós mesmos e a sociedade em que vivemos, contribuindo para o combate ao colonialismo e ao racismo religioso. Aproximando-me dos dizeres de Nogueira (2020), afirmo que o congado tem sua episteme, pois segundo o autor:

A epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais (NOGUEIRA, 2020, p. 55).

Um primeiro passo para romper com o preconceito frente à essa manifestação é se aproximar de sua episteme, pois, desconhecê-la, segundo Nogueira (2020) é também um problema étnico-racial. Além disso, o congado permite o desenvolvimento histórico, cultural e social das localidades onde ocorrem essas manifestações. Por isso, reconhecer a tradição do congado como um patrimônio imaterial, como em nosso

estado, é um passo importante para a permanência dessas festividades. Conhecer e registrar os fundamentos da manifestação, as hi(e)stórias dos grupos por meio de suas memórias contribui para essa luta anti-racista e ainda para o desenvolvimento patrimonial, histórico, social e turístico das localidades onde a festa se faz presente.

Para o Lazer e o Turismo em nosso estado a pesquisa se abre para o conhecimento de uma importante dimensão da vida humana, que é a festa, e a possibilidade de entender mais sobre o nosso povo, suas tradições, seu modo de vida e sobre o ser congadeiro. O conhecimento dessas manifestações tradicionais pode despertar o interesse de pessoas de do Brasil e do mundo, alavancando o turismo nas cidades pesquisadas e em seu entorno.

Nesse contexto, a fé, experiência vivida por indivíduos e grupos, motivados por questões sociopolíticas, de resistência, como o combate ao preconceito e ao racismo religioso, ou espirituais, de cura, penitência e agradecimento, provoca o deslocamento para determinados lugares considerados “sagrados” que, muitas vezes, são transformados em atrativos turísticos. O congado expresso ao longo dos quatro percursos desta estrada colonial, em especial, o do Caminho Velho, cumpre esse papel e pode contribuir para a efetivação da Estrada Real como produto turístico e, principalmente para a construção de uma sociedade anti-racista, em especial no que tange as religiosidades de matrizes africanas.

Viva Nossa Senhora do Rosário!
Viva São Benedito!
Viva!

REFERÊNCIAS

ALTIVO, B. R. **Rosário dos Kamburekos**: espirais de cura da ferida colonial pelas crianças negras do reinadinho (Oliveira-MG), 2019. (Tese de Doutorado) FAF- Departamento de Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1992.

ALVES, Vânia de F. Noronha. **Os festejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas.** 2008. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BRANDÃO, V. B. G. **O lugar do jovem e os seus processos educativos nos catopés de Nossa Senhora do Rosário em Montes Claros – MG.** 2020. (Tese de Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

COELHO, W. **Congada de São Benedito de Cunha – SP: um passeio por suas raízes e sua música.** 2016, (Dissertação de Mestrado), Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DURAND, G. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1988.

ESTRADA REAL. **A Estrada Real.** 2022, Disponível em <https://institutoestradaareal.com.br/estrada-real/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

GOMES, C. L.; Amaral, M. T. M. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer.** Brasília, SESI/DN, 2005.

GOMES, C. L. **Inserção do lazer nos currículos dos cursos de Graduação em Turismo no Estado de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2007 (mimeo).

GUERRA, A.; OLIVEIRA, E. H.; SANTOS, M. **Estrada Real: análise crítica das políticas de exploração turística da Estrada Real adotadas pelo Governo do Estado de Minas Gerais no período de 1999 a 2003.** 2003. (Monografia de Especialização), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LE VEN, M. M.; FARIA, E. de; MOTTA, M. H. de S. História oral de vida: o instante da entrevista. **Varia Historia**, Belo Horizonte, n. 16, set/ 1996, 57-65.

MAIA, A. C. N. **Memória e cotidiano operário: Morro Velho no tempo de Vargas.** 1999. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

MINAS GERAIS. **Lei 13.173 de 20 de janeiro de 1999.** Dispõe sobre o Programa de Incentivo ao Desenvolvimento do Potencial Turístico da Estrada Real. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/LEI/13173/1999/>

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa.** São Paulo: Pólen, 2020.

NORONHA, V. **Relatório de prestação de contas técnico-científica.** Hi(e)stórias e memórias dos Negros do Rosário no Caminho Velho da Estrada Real. Projeto de pesquisa APQ 02988-2015. Edital Universal01/2015. Fapemig, 2022.

NORONHA, V.; FONSECA, A. M. Educação étnico-racial de crianças pequenas no “Percurso Território Negro” de museus em Belo Horizonte. **Licere.** Belo Horizonte, V. 24, n. 4, dez/2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37709>. Acesso em: 22 mar. 2022

NORONHA, V. **Rastros de África no Brasil: práticas educativas no Reinado de Nossa Senhora do Rosário**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.

NORONHA, V. Lá no céu, cá na terra: mãe e rainha. *In*: PEREZ, L. F.; MARTINS, M. C.; GOMES, R. B. (Orgs.), **Variações sobre o Reinado: um rosário de experiências em louvor a Maria**. Porto Alegre: Medianiz, 2014. p.101-124.

RODRIGUES, É. R. **A oferta turística da Estrada Real: uma proposta de hierarquização**. 2008. (Dissertação de Mestrado), Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RUIZ, C. M. M. B. **Os paradoxos do imaginário**. Sinos: Editora Unisinos, 2003.

SEBRAE (Org.). **Resgate Cultural: Estrada Real**. SEBRAE/MG, 2006.

SILVA, L. T. **Tradição e contemporaneidade no lazer da juventude da Barra do Guaicuí/MG: a construção de identidade dos ribeirinhos**. 2020, (Tese de Doutorado), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

TAUSSIG, M. **Xamanismo, colonialismo e homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

VAN DER POEL, F. (Frei Chico). **Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil**. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

Endereço da Autora:

Vania de Fatima Noronha Alves
Endereço eletrônico: vaninhanoronha@gmail.com